REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

Estética da Recepção e Literatura Amazônica: Uma formação repleta de memórias, culturas e afetos no CUMA

Estética de la Recepción y Literatura Amazónica: Una formación llena de memorias, culturas y afectos en el CUMA

Wellingson Valente dos Reis
Instituto Federal do Pará-IFPA
Belém-PA

Resumo

O texto narra a formação acadêmica do autor no CUMA/UEPA, articulando memória oral de Belém, literatura amazônica e mediação de leitura, e analisa a condição subalternizada da Literatura de Expressão Amazônica na escola. Destacam-se marcos institucionais e o papel do ENEM na marginalização dessa literatura no currículo. Com base na Estética da Recepção, defende-se a centralidade do leitor e da experiência estética. A partir de Jauss (1979, 1994), Iser (1996), Zilberman (2001, 2004) e Bakhtin (2011), a leitura literária é apresentada como prática ética e cognitiva, que amplia a autoconsciência e a compreensão do mundo. Sustenta-se que a literatura amazônica, trabalhada pela recepção, pode resistir às lógicas tecnicistas do ENEM e atuar na construção de identidades locais e na crítica social na educação básica.

Palavras-chave: Memória; Literatura Amazônica; Recepção.

Resumen

El texto narra la formación académica del autor en el CUMA/UEPA, articulando memoria oral de Belém, literatura amazónica y mediación de lectura, y analiza la condición subalternada de la Literatura de Expresión Amazónica en la escuela. Se destacan hitos institucionales y el papel del ENEM en la marginación de esa literatura en el currículo. Con base en la Estética de la Recepción, se defiende la centralidad del lector y de la experiencia estética. A partir de Jauss (1979, 1994), Iser (1996), Zilberman (2001, 2004) y Bakhtin (2011), la lectura literaria se presenta como práctica ética y cognitiva que amplía la autoconciencia y la comprensión del mundo. Se sostiene que la literatura amazónica, trabajada desde la recepción, puede resistir a las lógicas tecnicistas del ENEM y actuar en la construcción de identidades locales y en la crítica social en la educación básica.

Palabras-clave: Memoria; Literatura Amazónica; Recepción.

Introdução

O texto em questão narra a trajetória formativa do autor dentro do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA), em que experiências com memória oral de Belém e mediação de leitura se articulam à pesquisa em literatura amazônica. Na primeira parte do texto, uma espécie de relato de experiência, o autor utiliza a liberdade poética de construir o texto em primeira pessoa, para trazer o tom que gerou o texto, ou seja, um relato que traz na sua essência toda a memória afetiva em relação ao grupo.

Na segunda parte, o texto discute a Literatura de Expressão Amazônica como voz subalternizada no ensino brasileiro, analisando sua inserção histórica em currículos, vestibulares e políticas educacionais no Pará. A centralidade do ENEM tende a reforçar abordagens funcionalistas de leitura e a marginalizar ainda mais a literatura amazônica nas escolas. Apoiado na Estética da Recepção, o autor defende recolocar o leitor no centro do processo, articulando formação crítica, fruição estética e afirmação das memórias e culturas amazônicas.

I

A minha participação no Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA) se configurou como uma grande experiência formadora que articulou a pesquisa em literatura amazônica, a escuta de memórias da cidade de Belém e a prática de mediação de leitura com diferentes públicos.

Quando ingressei no Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA), me aproximei de um ambiente em que a memória da Amazônia, especialmente de Belém, era entendida como um campo de pesquisa legítimo e necessário, articulando história, literatura e cultura a depoimentos de artistas e moradores da cidade. A convivência com docentes e discentes envolvidos em projetos sobre culturas e memórias amazônicas fez com que eu percebesse que a literatura produzida na região não era apenas "conteúdo escolar", mas um modo de pensar o espaço urbano, os conflitos sociais e as identidades em circulação.

No projeto "Memórias de Belém em Testemunho de Artistas" (2005–2006), o CUMA se propôs a desenhar uma cartografia poética da cidade a partir das vozes de artistas de diferentes linguagens: escritores, músicos, atores, artistas visuais, que narravam suas lembranças sobre a Belém de meados do século XX. As entrevistas coletadas permitiram reconstruir quadros do cotidiano urbano marcados por cinemas de

bairro, casas de espetáculo, livrarias, programas de rádio, círio e, sobretudo, pelo impacto da chegada da televisão, tomada como marco histórico para pensar mudanças nos hábitos locais.

A minha participação nesse projeto se deu principalmente na etapa de contato direto com os depoentes e de organização do material produzido, o que significou aprender a ouvir com atenção, registrar falas, transcrever entrevistas e identificar, nas narrativas, os núcleos temáticos que desenhavam a "Belém poética". Na prática, isso me colocou diante de uma cidade que ultrapassava os limites do que os livros didáticos costumavam apresentar: a Belém lembrada pelos artistas incluía espaços de sociabilidade, redes de afetos, conflitos e tensões culturais que raramente apareciam em descrições oficiais.

Ao participar da elaboração de textos e relatórios que resultaram de "Memórias de Belém em Testemunho de Artistas", eu tive a oportunidade de perceber como a memória oral pode ser tratada como fonte histórica e literária, exigindo critérios de seleção, organização e análise. Essa experiência me aproximou de procedimentos de pesquisa qualitativa, como a construção de roteiros de entrevista, a categorização de relatos e a reflexão sobre o lugar do pesquisador frente ao depoente, e me fez compreender que narrar uma cidade é sempre um exercício de escolha, silenciamento e valorização de determinadas perspectivas.

A participação neste projeto gerou outra importante participação na minha vida acadêmica, que foi a elaboração do livro "Memórias de Belém de Antigamente" (EDUEPA, 2018), que representou um olhar dos pesquisadores em relação à pesquisa, tendo como principal aspecto a reconstrução das lembranças da cidade, reunindo relatos, cenas, espaços e personagens que ajudam a compor uma Belém afetiva e histórica.

Ao contribuir com esse tipo de obra, os artistas passaram a integrar uma rede de vozes que documenta modos de viver, circular e sentir a cidade em outros tempos, registrando práticas culturais, hábitos cotidianos e transformações urbanas. Esse gesto de narrar o passado também é um modo de afirmar pertencimento, pois transforma a experiência individual em memória social compartilhada.

A importância dessa participação nesta obra se desdobra em diferentes níveis: cultural e pessoal. Culturalmente, fortaleceu o meu entendimento de que a história da cidade não é feita apenas por grandes eventos, mas também de pequenas lembranças, de ruas, cinemas, mercados, festas, escolas e encontros que marcaram o cotidiano de Belém. Ao nível pessoal, estar presente em Memórias de Belém de Antigamente significou ver

uma valorização de um pesquisador ainda iniciante, que estava escrevendo o seu primeiro artigo, mas que mesmo assim foi reconhecido como um pesquisador do CUMA. Escrever sobre o Círio nesta obra despertou em mim a responsabilidade de querer me tornar um pesquisador na área.

Em seguida, participei do projeto de Iniciação Científica intitulado "LITERATURA: Recepção das Poéticas Amazônicas", concebido para enfrentar duas barreiras principais: o desconhecimento da literatura de expressão amazônica e a distância entre essa produção e seus potenciais leitores. O projeto se ancorou na Estética da Recepção para analisar como estudantes de ensino médio e licenciandos em Letras se relacionavam com textos amazônicos, considerando não apenas a compreensão de enredo e personagens, mas também as expectativas, resistências e identificações provocadas pela leitura.

Nesse contexto, atuei na seleção de obras, na aplicação de atividades de leitura em turmas de ensino médio em Belém e na sistematização das respostas dos alunos, articulando a prática pedagógica com a reflexão teórica. Trabalhamos com textos como o conto "Zeus ou a menina e os óculos", de Maria Lúcia Medeiros, a peça "Lei é lei e está acabado", de Nazareno Tourinho, e o curta-metragem "Chuvas e Trovoadas", de Flavia Alfinito. A pesquisa implicou um trabalho de campo, com abordagem qualitativa, desenvolvido em dois momentos: o primeiro, formado por um grupo focal composto por dez alunos das redes pública e particular de ensino; o segundo, composto por vinte e cinco alunos aprovados no vestibular para o curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Pará, em 2008.

Nas oficinas de leitura, pude verificar que a literatura de expressão amazônica é desconhecida e desprestigiada, tanto em nível regional quanto nacional. Nenhum dos alunos dos grupos focais havia lido ou sequer ouvido falar em Maria Lúcia Medeiros e Nazareno Tourinho. Se, por um lado, essa situação se revela trágica para nós, professores de literatura, por outro, acabou sendo benéfica para o trabalho, pois naquela pesquisa tive a oportunidade de observar o primeiro contato entre esses textos e o leitor.

A experiência de acompanhar as leituras e escutar as avaliações dos alunos mostrou para mim que a recepção de uma obra depende tanto do repertório do leitor quanto das estratégias de mediação adotadas em sala de aula. Ao comparar produções escritas e falas orais dos estudantes, percebi que, quando se criavam espaços de debate e interpretação coletiva, os textos amazônicos ganhavam novas camadas de sentido,

revelando proximidades entre ficção e realidade local que não emergiam em abordagens meramente conteudistas.

A experiencia nos projetos “Memórias de Belém em Testemunho de Artistas” e “Literatura: recepção das poéticas amazônicas” me permitiu articular dois eixos fundamentais: a memória da cidade e a circulação da literatura amazônica na escola. De um lado, as entrevistas com artistas e idosos mostravam como Belém era narrada por quem a tinha vivido intensamente, com ênfase em espaços culturais e experiências coletivas; de outro, a pesquisa de recepção evidenciava como os jovens leitores atualizavam essas mesmas paisagens e conflitos ao entrar em contato com textos literários da região.

Do ponto de vista acadêmico, a participação no CUMA foi o início do caminhar por uma rede de pesquisa que discutia conceitos como memória, identidade, cidade e recepção, resultando em apresentações em eventos, produção de artigos e envolvimento em coletâneas voltadas à valorização de vozes amazônicas. Essa experiência consolidou a minha percepção de que o trabalho intelectual na área de Letras não se limita à análise interna dos textos, mas envolve também os contextos de produção, circulação e leitura, exigindo atenção às condições concretas de acesso à literatura por parte de diferentes públicos, tanto que depois pude fazer meu TCC, meu mestrado e meu doutorado na área da recepção.

No campo profissional, especialmente na docência, as aprendizagens advindas desses projetos repercutiram em práticas pedagógicas que priorizavam a presença de autores amazônicos no planejamento de aulas, bem como o uso de estratégias de leitura que valorizassem a experiência prévia dos estudantes. Ao retomar, em sala, questões discutidas no CUMA, como o apagamento de certas narrativas locais e o estigma de exotização da Amazônia, passei a entender o meu trabalho como professor também como uma forma de intervenção cultural, voltada a ampliar o repertório crítico dos alunos sobre o lugar onde vivem.

Em nível pessoal, a trajetória no CUMA/UEPA significou para mim o fortalecimento de um sentimento de pertencimento à cidade de Belém e à tradição literária amazônica, que passei a reconhecer como campo de estudo complexo e diverso, e não como um apêndice marginal da literatura brasileira. A escuta das memórias de artistas e a observação atenta da recepção de textos por estudantes despertaram em mim a convicção de que histórias e vozes da região precisam ser continuamente registradas,

debatidas e atualizadas, sob pena de permanecerem invisibilizadas nos espaços de formação.

As experiências acumuladas nesses projetos também alimentaram o desejo de dar continuidade à pesquisa em níveis mais avançados, investigando outras dimensões da relação entre literatura, cultura e memória, como a representação de identidades de gênero, de povos tradicionais e de periferias urbanas na produção amazônica contemporânea. A passagem pelo CUMA, assim, não apenas marcou a minha formação inicial, como também delineou um horizonte de atuação futura em que pesquisa, ensino e extensão permanecem articuladas em torno da valorização das culturas e memórias amazônicas.

Hoje transformo em prática pedagógica aquilo que vivi como pesquisador: o cuidado em escutar, o desejo de romper o desprestígio, a alegria de ver um aluno reconhecer a própria paisagem no papel. Assim, meu trabalho no IFPA se faz continuidade daquela experiência: sigo tecendo, com cada turma, uma trama de pertencimento, em que a literatura de expressão amazônica deixa de ser ausência e passa a ser horizonte, espelho e caminho.

Por isso, seguimos agora para a segunda parte deste texto, onde deixo o ar das memórias, a primeira pessoa do relato e mergulho para uma análise mais acadêmica sobre a Literatura de Expressão Amazônica, sua importância e os caminhos desta recepção.

II

A Literatura é uma das várias disciplinas relegadas ao esquecimento no ensino brasileiro, tanto que na maioria das escolas públicas não existe o ensino específico da disciplina, ela normalmente aparece no currículo de Língua Portuguesa, muitas vezes, esquecida pelo professor, quando este não é um apaixonado pelo texto literário.

Se o papel da Literatura é o papel do esquecido dentro do ensino de Língua Portuguesa, o papel da Literatura de expressão amazônica é o papel do subalterno, na condição de subalternidade designada como condição do silêncio, a qual carece necessariamente de um representante por sua própria condição de silenciado (SPIVAK, 2010). A autora pontua que, por um lado, observa-se a divisão internacional entre a sociedade capitalista regida pela lei imperialista e, por outro, a impossibilidade de representação daqueles que estão à margem ou centros silenciados. Diante dessa reflexão, podemos estabelecer um diálogo do pensamento da filósofa aos estudos de análise da

condição subalterna, de uma parte da Literatura. Sobressai aí o questionamento instigante de Spivak: os subalternos podem falar?

Partimos do pressuposto de Spivak, nesse texto, da ideia de que essa Literatura subalternizada pode falar, e cada vez mais está falando, pois há muitos estudos acadêmicos que estão sendo feitos para que essa Literatura possa aparecer no cenário do ensino de Língua Portuguesa na Amazônia.

Um desses estudos está presente nos relatos da professora Josebel Akel Fares (2013), que vivenciou o fortalecimento desta Literatura e a historiciza no artigo *O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola*, o qual apresenta os passos que essa Literatura deu no estado do Pará.

Segundo a autora, tudo começou nos anos de 1970, quando a Universidade Federal do Pará (UFPA) passou a oferecer a disciplina Literatura Paraense, na época ministrada pelo Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro. Esse era praticamente o primeiro e único contato com essa Literatura de expressão Amazônica no currículo do curso de Letras da UFPA; nos anos 1980, a disciplina continuou a ser ministrada pelo Prof. José Arthur Bogéa, até que, no início dos anos 1990, ela foi extinta do currículo de Letras da UFPA.

Esse trabalho iniciado nos anos 1970 rende frutos, os alunos de graduação desta época resolvem se unir e fundar a Associação de Licenciados em Letras do Pará (ALLPA), que teve como principal ação promover a 1ª Semana da Literatura Paraense.

> Estávamos no final dos anos 1970 (18 a 23 de junho, 1979). Professores da Universidade Federal do Pará discorriam sobre suas pesquisas, apresentavam leituras, escritores e temas relacionados à, então, chamada literatura paraense. O cônego Ápio Campos, diretor do Centro de Letras, fez a conferência de abertura sobre a Literatura Paraense, o filósofo Benedito Nunes falou sobre a obra de Max Martins e levou o poeta para uma récita com poemas selecionados para o evento; os queridos mestres Francisco Paulo Mendes apresentou a poética de Paulo Plínio Abreu e Albeniza Chaves, a obra de Mário Faustino; o professor José Guilherme Castro trouxe o lirismo da crônica de Eneida; Maria Lúcia Medeiros leu e analisou a 1ª parte do Nativo de Câncer, de Ruy Barata, ainda em processo de criação; o poeta João de Jesus Paes Loureiro falou sobre a sua própria obra. No encerramento, o escritor e crítico Joaquim Inojosa, apontado como um dos precursores do movimento modernista no Nordeste, que estava em Belém a convite do Conselho Estadual de Cultura, refletiu e teorizou sobre as origens do movimento modernista no Norte. E, assim, tremendo de nervoso, realizamos uma semana de estudos, com um público de cerca de oitenta pessoas, no antigo auditório da extinta SUDAM. (FARES, 2013, p. 85).

Outro momento emblemático para a Literatura de expressão Amazônica foi o ano de 1980, ano em que houve a querela nos meios acadêmicos e na mídia de maneira geral,

sobre a entrada de uma obra amazônica no processo seletivo da UFPA. O discente Inácio Obadia propõe a inserção, no programa do vestibular, do livro de contos Carro dos Milagres, de Benedicto Monteiro, no Conselho Superior de Ensino e Pesquisa (CONSEP) da UFPA. Após aprovada por esse conselho a entrada da obra no vestibular, ela foi revogada pela COPERVES (Comissão Permanente do Vestibular), argumentando a inexistência de exemplares suficientes da obra no mercado de Belém. Depois de muitas discussões e análises, a Literatura Amazônica passou a fazer parte do programa do vestibular, a partir de 1981.

Nesta mesma década nasce uma proposta de se utilizar a Literatura Amazônica em sala de aula, o livro Texto e Pretexto: experiência de educação contextualizada, a partir da literatura feita por escritores paraenses, cujos autores - Josse Fares, Paulo Nunes, Rei Vinas e Josebel Fares – pretendiam que os alunos do que seria atualmente, o ensino fundamental maior, 6º ao 9º anos, pudessem conhecer os textos dos autores paraenses, além de trazer sugestões de análise e atividades destinadas aos alunos, o livro surgiu para contemplar uma iniciativa do prefeito da época, da inserção da disciplina Literatura Paraense no currículo das escolas municipais de Belém.

A nível acadêmico, os anos 1980 trazem na pós-graduação as primeiras dissertações de mestrado defendidas em Literatura Amazônica, em diferentes instituições brasileiras.

> O professor José Guilherme Castro sobre "O lirismo imagético de Eneida de Moraes"; Enilda Alves sobre "Três casas e um rio" de Dalcídio Jurandir; Elanir Gomes de Sousa sobre o africanismo em "Batuque" de Bruno de Menezes; Célia Bassalo sobre Paulo Plínio Abreu. Na área da linguística, assinalo os trabalhos de Rosa Assis, sobre a linguagem na obra de Dalcídio Jurandir, e o de Lourdes Maués, sobre aspectos sociais e linguísticos em "A Menina que vem de Itaiara", de Lindanor Celina. Ressalto ainda o trabalho da profa. Olinda Batista Assmar, da Universidade Federal do Acre, sobre Dalcídio Jurandir, defendido na UFRJ. (FARES, 2013, p. 86).

Depois de vários trabalhos defendidos no âmbito acadêmico, os mestrados em Teoria Literária da UFPA e em Estudos Literários, interinstitucional (UFPA/UFMG), repensaram a questão e, no final de 1999, por uma orientação institucional (CAPES), criou-se uma linha de pesquisa ligada à Literatura produzida na Amazônia, o que vem até hoje pontuando e impulsionando esses estudos.

Ainda nos anos 1990, mais exatamente em 1993, a Secretaria de Educação do Pará (SEDUC) publicou Do texto ao texto: Leitura, Gramática e Criação, para o atual 6º ano, dentro do projeto O Livro Didático para a Amazônia, dos professores Josse Fares, Paulo

Nunes, Maria Lúcia Medeiros, José Ildone Soeiro, Nilza Melo e Silva, Leila Gillet e Josebel Fares. Este livro teve uma pequena circulação, foram publicados poucos exemplares para uma experiência piloto, em alguns poucos municípios escolhidos.

Após isso, todas as maiores instituições de ensino do Pará (UFPA, UEPA, IFPA e UNAMA), que oferecem o curso de Letras, possuem em seu currículo a disciplina Literatura de Expressão Amazônica, ou suas variações, para que os profissionais da área de Letras do Pará saiam preparados para que possam cada vez mais, fazer com que essas vozes da Amazônia possam ser ouvidas por todos.

Porém, infelizmente, o uso do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como principal critério de seleção para o ingresso nas universidades públicas paraenses desde 2014 consolidou uma lógica avaliativa que tende a orientar o currículo da educação básica para as demandas específicas do exame, com forte centralidade em competências de leitura instrumental e resolução de questões padronizadas.

O exame acaba por privilegiar em suas questões a compreensão textual e a análise de recursos linguístico-estilísticos em detrimento do letramento literário e da fruição estética, o que contribui para um tratamento mais funcionalista e menos aprofundado da literatura nas aulas de Língua Portuguesa. Nesse contexto, a literatura produzida na Amazônia, que já ocupava um espaço restrito nos livros didáticos, nos materiais de apoio e nas propostas curriculares, tende a ser ainda mais marginalizada, uma vez que não se converte diretamente em ganho de “pontos” para o exame e, portanto, não figura como prioridade nem para as escolas nem para os estudantes.

No caso específico do Pará, a adesão de universidades como UFPA, UEPA, IFPA, UFOPA e Unifesspa ao uso da nota do ENEM, seja por meio do SISU ou de processos seletivos próprios baseados no exame, reforça a percepção de que o “sucesso” escolar está vinculado sobretudo ao desempenho nas provas padronizadas, deslocando o foco das práticas de leitura literária ligadas ao repertório amazônico e às identidades locais.

Infelizmente, apesar dos esforços contrários a isso, a literatura da Amazônia permanece periférica e fragmentada no ensino médio atual, o que, combinado à pressão por resultados no ENEM, contribui para afastar os alunos da leitura sistemática de autores, obras e narrativas da região. Assim, a centralidade do ENEM como mecanismo de acesso ao ensino superior, ao induzir escolhas curriculares e práticas pedagógicas voltadas prioritariamente ao exame, funciona como um fator de esvaziamento da literatura amazônica no cotidiano escolar, com impactos diretos na formação de leitores literários sensíveis às especificidades culturais da Amazônia.

Literatura e Recepção

A Estética da Recepção surgiu, segundo Lima (1979), em 1967, com a publicação da aula inaugural de Hans Robert Jauss, intitulada Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft (História da Literatura como Provocação à Ciência da Literatura). Sendo seguida pela publicação do livro Die Appelstruktur der Texte (A Estrutura Apelativa do Texto) de seu colega de discussão, Wolfgang Iser. Esta nova forma de pensar a Literatura ou de dialogar com ela surge num contexto protestante, no qual alunos universitários se mostram insatisfeitos com a tradição de ensino.

Havia a possibilidade de se manter a tradição, aliando-se aos sorbonnards, apoiar o estruturalismo francês de Barthes e companhia ou os marxistas reflexólogos (LIMA, 1979), isto é, continuar deixando o leitor de lado, considerando-o tão somente um "depósito" necessário para a concretização da obra. Num cenário onde "o tradicionalismo sorbonnard, o estruturalismo barthesiano e a interpretação histórico-reflexológica indicavam o impasse que assediava a abordagem da literatura (por extensão, da arte)". (LIMA, 1979, p. 14), não havia algo melhor senão uma quebra de expectativa no tratar da leitura com a Literatura.

Na formulação de uma relativa forma nova de diálogo pela Literatura, Jauss, principal defensor da Estética da Recepção, parte de premissas já existentes, formuladas por Aristóteles, nesse caso, os conceitos de *poiesis*, *aisthesis* e *kathasis*, o que "pode tornar Aristóteles um precursor remoto da estética da recepção" (ZILBERMAN, 2004, p. 16), além dos conceitos de pergunta e resposta de seu mestre Gadamer. Além disso, outros estudiosos também já tinham percebido a necessidade de se levar o leitor em consideração no diálogo com a obra literária. De início, Jauss

> Concorda com Aristóteles, para quem o prazer estético decorre do reconhecimento diante do imitado; e afirma que engloba as noções de "pura visibilidade ", de K. Fiedler, "estranhamento" ou visão renovada, de V. Chklovsky, "contemplação desinteressada", de M. Geiger, e de experiência da "densidade do ser", de J.-P. Sartre. (ZILBERMAN, 2004, p. 55).

Essa relativamente nova forma de diálogo com a Literatura defende que a arte literária, com sua dupla função comunicativa e transgressora ou libertadora de pensamento, concretiza-se na leitura, por meio da "experiência estética [...] cuja concretização depende da principal reação de que é capaz o leitor: a identificação." (ZILBERMAN, 2004, p. 54-55)

Em seu livro fundador da Estética da Recepção, dentre suas sete teses, chama-nos atenção a última, na qual Jauss (1994) discorre sobre a relação entre literatura e leitor com base na sociedade ou na realidade que circunscreve este último. Considerando que tal relação pode se dá "tanto na esfera sensorial, como pressão para a percepção estética, quanto também na esfera ética, como desafio à reflexão moral." (JAUSS, 1994, p. 53).

Ademais, considerando o diálogo do leitor com a obra na esfera ética, está por "romper as expectativas de seus leitores e, ao mesmo tempo, colocá-los diante de uma questão cuja solução a moral sancionada pela religião ou pelo Estado ficou lhes devendo." (JAUSS, 1994, p. 56). Nesse diálogo, a obra instigaria o leitor à reflexão sobre as mazelas veladas pela sociedade, tal como o preconceito e racismo.

Dessa forma, cabe à Literatura, em sua historicidade, revelar a "função verdadeiramente constitutiva da sociedade que coube à literatura, concorrendo com as outras artes e forças sociais, na emancipação do homem de seus laços naturais, religiosos e sociais." (JAUSS, 1994, p. 57).

Mas, a questão é: o que tudo isso tem a ver com o ensino de Literatura? Se até este momento, ainda podemos fazer entender o quanto é a importância do ensino da Literatura e, com maior eficiência, a leitura de Literatura no ensino básico? Fá-lo-emos a partir de agora, com mais clareza.

Em um de seus livros, Zilberman (2001), com base no pensamento de Iser (1996), que, por sua vez, baseou-se no de Poulet (1969), afirma que:

> ler é pensar o pensamento de outros, é igualmente abandonar a própria segurança para ingressar em outros modos de ser, refletir e atuar. É, por fim, apreender não apenas a respeito do que está lendo, mas, principalmente, sobre si mesmo. (ZILBERMAN, 2001, p. 53).

Em seu diálogo com a obra literária, mais precisamente, com os personagens e, consequentemente, com o pano de fundo social que subsidia o enredo, o leitor vive outras experiências de vida, como se ele próprio fosse o agente daquela vida, sofrimentos, emoções, revolta, etc. Poulet considera que

> Quando eu leio, eu pronuncio um eu, e, mesmo assim, o eu que eu pronuncio não sou eu mesmo. [...] Eu sou o sujeito de pensamentos outros além dos meus próprios. Minha consciência comporta-se como se fosse de outro alguém. [...] Eu devo reconhecer que nenhuma ideia pertence a mim. As ideias pertencem a ninguém. Elas passam de uma consciência a outra como moedas passam de mão em mão. (POULET, 1969, p. 56).

Em seu diálogo constante com os personagens, melhor dizendo, ao assumir perspectivas de inúmeros personagens, o leitor, nesse caso, o aluno do ensino básico, tem a possibilidade de vivenciar outras formas de agir, pensar, tal como pontua Zilberman (2001).

Além disso, em conformidade com o pensamento de Jauss (1994), embora não seja considerado da Estética da Recepção, Bakhtin (2011), ao dissertar sobre a relação entre leitor e personagem, considera que esse diálogo seja bipartido, sendo "O primeiro momento da atividade estética é a compenetração: eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivencia, colocar-me no lugar dele [...] Devo adotar o horizonte vital concreto desse indivíduo tal como ele o vivencia" (BAKHTIN, 2011, p. 23-24) e o segundo momento, no qual considera o real início da atividade estética, no caso, o efeito toma eficácia, faz referência "À atividade estética começa propriamente quando retornamos a nós mesmos e ao nosso lugar fora da pessoa que sofre, quando enformamos e damos acabamento ao material da compenetração" (BAKHTIN, 2011, p. 25).

Se levarmos em consideração que nos formamos espiritual e intelectualmente com base em nossas relações, podemos afirmar, então, que nossas experiências fictícias têm impacto direto em nossa formação de caráter, de opinião sobre o mundo que nos circunscreve. Tal como assegura Jauss (1996), a Literatura tem o poder de libertar o homem de sua prisão cotidiana, ampliar seu conhecimento sobre si mesmo e sobre o mundo. Dessa forma, consideramos imprescindível a leitura de obras literárias em sala de aula.

Por isso, essa discussão acerca da Estética da Recepção permite inferir que, mesmo sob a forte influência do ENEM na organização do currículo e na seleção de conteúdos, a literatura amazônica pode permanecer viva e significativa em sala de aula, desde que o leitor seja recolocado no centro do processo de leitura. Ao privilegiar a experiência estética, a identificação e o horizonte de expectativas dos estudantes, essa perspectiva rompe com práticas tecnicistas e abre espaço para que textos amazônicos sejam trabalhados não como apêndice regional, mas como lugar legítimo de produção de sentido, fruição e construção de identidades locais.

Considerando que o exame tende a induzir abordagens funcionalistas da leitura, a adoção de pressupostos da Estética da Recepção no ensino básico mostra-se um caminho profícuo para articular, simultaneamente, o desenvolvimento de competências exigidas pelo ENEM e a valorização do patrimônio literário amazônico. Ao transformar o aluno em sujeito ativo da leitura, capaz de "pensar o pensamento de outros" e de reconfigurar

sua visão de mundo por meio do contato com obras da região, consolida-se a sala de aula como espaço de circulação e permanência dessa produção, contribuindo para a formação de leitores críticos e para a afirmação das memórias e culturas amazônicas, apesar das pressões uniformizadoras dos processos seletivos.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FARES, J; NUNES, P. **Literatura de Expressão Amazônica**. Belém: UNAMA, 2005.

FARES, J. O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola. **Revista Cocar**, Belém, v. 07, n. 13, p. 82-90, 2013. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/244. Acesso em: 20/12/2025

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ISER, W. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. Vol. 1-2. 34ª ed. São Paulo: 34, 1996.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, H. R. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da *Poiesis*, *Arethesis* e *Katharsis*. In: LIMA, Luis (org.). **A 1iteratura e o 1eitor -** textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LIMA, Luis Carlos (org.). **A 1iteratura e leitor**. Textos da Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

POULET, G. Phenomenology of Reading. **New Literary History**, v. 1, n. 1, New and Old History, pp. 53-68, out. 1969. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/468372. Acesso em: 20/12/2025

REIS, Wellingson Valente dos; CASTRO, José Guilherme de Oliveira; TEIXEIRA, Lucilinda Ribeiro. RITO DE PASSAGEM DA VIDA: a recepção de Maria Lúcia Medeiros por alunos do Instituto Federal do Pará. **Cadernos de Pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 225–242, 8 Jul 2018 Disponível em: https://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/9330. Acesso em: 20/12/2025

REIS, Wellingson Valente dos; MUNHOZ, Widnerlley Santos Vargas; FARES, Josebel Akel. Transgressões de uma menina míope. **Boitatá**, Londrina, v. 3, n. 6, p. 36–50, 2025. DOI: 10.5433/boitata.2008v3.e31159. Disponível em:

https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31159. Acesso em: 20/12/2025.

SPIVAK, G. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

ZILBERMAN, R. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 2004.

ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Senac, 2001.

SOBRE O AUTOR

Wellingson Valente dos Reis
Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia. Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia. Possui Especialização em Estudos Linguísticos e Análise Literária pela Universidade do Estado do Pará (2009), Graduação em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (2007) e Graduação em Licenciatura em Letras - Língua Espanhola pela Universidade da Amazônia (2010). Atualmente, é professor EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Vice - líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Arte, Cultura e Educação (GIPACE/IFPA), participa do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônidas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS/UFPA).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0119-3356
E-mail: wellingson.valente@ifpa.edu.br

Recebido: 21/06/2024

Aprovado: 29/08/2024